

Brasil na exportação de lácteos

Este foi o tema do debate promovido pela Associação Leite Brasil, no dia 28 de julho, durante a Expomilk 2005, evento realizado em São Paulo, que atraiu cerca de 600 pessoas, entre produtores, dirigentes, lideranças e técnicos do setor

Como referência, as discussões giraram em torno do recém descoberto potencial exportador de lácteos do País, que nos últimos doze meses apresentou um superávit comercial de US\$14,5 milhões. Para analisar a questão e responder perguntas estiveram presentes o jornalista Joelmir Beting, o ex-secretário da Agricultura de São Paulo, Xico Graziano, e o presidente da Nestlé, Ivan Zurita.

Da banca de entrevistadores, fizeram parte Vicente Nogueira Netto, da CBCL-Confederação Brasileira das Cooperativas de Laticínios; Marcelo Pereira de Carvalho, do site Milkpoint, e Carlos Raíces, do jornal *Valor Econômico*. Confirma o que foi dito sobre essa questão e também sobre outras pertinentes ao atual panorama da pecuária leiteira brasileira e internacional.

IDENTIFICANDO O POTENCIAL

Xico Graziano - Todos nós enxergamos o potencial brasileiro para produzir leite. O custo de produção do Brasil é competitivo. Com US\$0,18 por litro, ficamos abaixo até do custo dos neozelandeses, os principais exportadores no mundo. Temos área, tecnologia disponível por pesquisadores brasileiros, que já não usam referências estrangeiras. Pelas minhas contas, o Brasil talvez exporte este ano o equivalente a 250 milhões de litros.

Ivan Zurita - A China consome 29 litros *per capita*; nós consumimos 129. E ainda estamos longe dos 180, recomendados. Então, existe um tremendo potencial interno. Mas tem uma outra variável, e isso tem

a ver com comércio. A velocidade de mercado não nos espera. Essa é a regra do jogo. E assim funciona o mercado internacional. Não tenho dúvida de que a China amanhã será nosso principal concorrente em outras áreas de produtos. Não tenho nenhuma dúvida disso. Se somos competitivos, entendemos o que fazemos e os gerenciamos bem; vamos participar desses mercados. Falo isso porque os países hoje importantes não têm capacidade de expansão. Vou dar um exemplo concreto: Nova Zelândia – o máximo que ela pode crescer é 3%. Então, não tem essa vocação futura. Na minha opinião, o Brasil, sim, tem. Afinal, temos 90 milhões de hectares para trabalhar.

Joelmir Beting - As multinacionais devem continuar investindo aqui em torno de US\$18



Fotos: N. Rentero

Diante de quase 600 pessoas, os participantes do debate revelaram uma expectativa positiva sobre o potencial exportador do País

bilhões por ano. E o agronegócio tem muito a ver com isso. O Brasil acaba de ser eleito lá fora como uma grande base da economia global de 2010, 2020 e 2030. Então, é preciso se antecipar e definir uma posição bem mais sólida aqui dentro, a exemplo do que também já se faz na Índia e na China. Isso porque o planejamento estratégico das grandes empresas globais trabalha com 5, 10, 20 até 50 anos na frente. Parece que chegou a nossa vez. O próprio agronegócio está produzindo lá fora uma reação esquisita. Metade do mundo está com inveja da gente e a outra metade está com pânico da gente. Afinal, o gigante deitado acordou do esplêndido berço, o trópico quente e úmido, agora com blindagem fitossanitária e com biotecnologia, dá ao Brasil as condições para se colocar como a maior potência agrícola do mundo.

PAÍSES CONCORRENTES

Xico Graziano - A Nova Zelândia exporta 45 vezes mais que o Brasil. Se continuarmos com a atual tendência de crescimento, daqui a 10 a 15 anos, passaremos os neozelandeses. Este é o horizonte real, sem mágicas. A Austrália, que é um competidor menor, mas forte no mercado internacional, exporta 4,5 bilhões de litros em lácteos, o que significa 18 vezes o que o Brasil exportará se tudo der certo esse ano. Já os sete países exportadores de leite da Europa – Alemanha, França, Holanda, Bélgica, Reino Unido, Irlanda e Dinamarca – exportam 40 bilhões de litros de leite para o mundo. Ou seja, 180 vezes o volume exportado pelo Brasil. Só que há uma diferença: esses nossos competidores, além de maiores, são especializados. A Nova Zelândia exporta 76% do leite que produz, enquanto tal índice no Brasil não passará de 1,1% este ano. É pouco, mas é bom, pois não exportávamos nada; só importávamos. Sobre os outros competidores, temos a Alemanha, que exporta 38% do leite que produz; a Austrália, 44%. Há outra diferença. Esses países, especialmente da União Européia, tratam suas vaquinhas melhor do que nós tratamos aqui todas as coisas de que gostamos e que nos são mais queridas.

Ivan Zurita - Estamos condenados a sermos o maior produtor de leite do mundo. E por que digo isso? Veja o mercado lácteo internacional, que apresenta os Estados Unidos com um setor leiteiro muito eficiente sem ser competitivo; uma comunidade européia com alto custo em declínio e com perspectivas de redução da produção; uma Oceania competitiva e eficiente, mas sem capacidade de crescimento. E se citarmos a América Latina, os riscos se mostram também pequenos, como é o caso da eficiente Argentina, cuja produção total é o equivalente ao consumo da Grande São Paulo, ou o México, que produz 10 bilhões de litros de leite/ano, mas consome 3 bilhões de litros a mais, a um custo superior a US\$0,32 por litro. Neste cenário, o *player* chamado Brasil joga o papel mais importante, já

que nos últimos 10 anos apresentou um crescimento médio ao redor de 4%, o que significou alcançar a condição de exportador e superavitário na balança comercial no ano passado.

LEITE PARA OS CHINESES

Joelmir Beting - A primeira aliança com os chineses está se definindo a partir de com-

“O leite chega a ser considerado um supérfluo ao apresentar uma tributação de 23%. Com os iogurtes, chega a 43%”



Joelmir Beting

“O consumidor se tornou seletivo, exigente e infiel às marcas. E ele ainda travou o repasse dos custos para o preço”

pras diretamente com cooperativas de produtores. A segunda intenção pretende envolver o sistema intermodal de transportes por meio das logísticas integradas de processamento, abastecimento e beneficiamento. Os chineses já anunciaram que querem importar produtos com valor agregado. Então, nesta teoria entra o leite em pó, por exemplo. Chineses e outros povos já perceberam que o Brasil deve continuar produzindo alimentos e muitas outras coisas a um custo muito menor no ano que vem e daqui a 30 anos. A perspectiva que se coloca para o Brasil exportador de lácteos ou de qualquer outra coisa é justamente essa: o mundo, que nunca precisou da gente, final-

mente passou a precisar. Na prática, o Brasil está com a possibilidade estratégica de conquistar um mercado cativo do tamanho de um quinto da humanidade. Que seja a partir de uma aliança futura com os chineses. A China, com a maior panela do mundo; o Brasil, com a maior comida do mundo. Uma aliança viável, que não é um projeto de governo, é um processo do sistema.

Ivan Zurita - O Brasil precisa identificar os mercados que realmente podem absorver a nossa produção de leite. Quais são os parceiros de que necessitamos nessa cadeia produtiva? Tomando como exemplo a China, o consumo por lá aumenta 26% ao ano. Isso daria ao redor de 60 mil toneladas de leite em pó de exportação adicionais. Significa um copo de leite a mais para cada chinês. Não existe capacidade de expansão pelas nossas próprias limitações e pela própria natureza chinesa.

AÇÃO DOS SUBSÍDIOS

Joelmir Beting - Na expansão do mercado externo, temos um problema que não está ligado à nossa competitividade. É a questão dos subsídios. Um recente balanço da OMC-Organização Mundial do Comércio dá conta de que este ano os subsídios vão chegar a US\$370 bilhões de dólares nos 30 países mais desenvolvidos. É mais que US\$1 bilhão gastos com subsídios no mundo por dia. Só o leite fica com US\$45 bilhões, sendo que os Estados Unidos e a União Européia embarcam 18 bilhões de litros devidamente subsidiados. E subsidiados no tripé: subsídio de produção, subsídio de exportação, mais a barreira da importação. E na exportação subsidiada, é bom lembrar, ela não está apenas favorecendo o produtor americano; ela está barrando o produtor brasileiro em outros mercados. Se os 30 países mais ricos dobrarem as respectivas cotas de importação, quer dizer, aumentarem a cota de importação, e reduzirem pela metade as tarifas de importação, qual seria o efeito imediato no horizonte de três anos sobre o mercado? Seria 24% a mais nos preços para 11% a mais nos volumes embarcados. São razões suficientes para mobilizar as entidades empresariais e as autoridades econômicas do País, sem precisar dar muita satisfação para o Mercosul. Afinal, na prática, Brasil e Argentina caminham em linhas paralelas.

TEMPO DE TRANSIÇÃO

Xico Graziano - A pecuária leiteira do Brasil passa por um processo de transição. A partir da desregulamentação no início dos anos 90, foi obrigada a enfrentar a competição do mercado, teve que investir em tecnologia de produção. Começou a olhar para custos e começou a medir a sua produtividade. A pecuária leiteira passou e ainda passa por um choque de capitalismo. Basta ver os índices, como o de produção: em 1990, 14,5 bilhões

de litros; hoje, 23,5 bilhões de litros. E a produtividade de litro por vaca/ano de 760 por 1.170 litros neste mesmo período, mantendo o plantel ao redor de 20 milhões de animais.

Ivan Zurita - O Brasil dispõe do equivalente a uma China em terras para produzir, ou seja, todas as possibilidades, desde que se tenha uma orquestração da cadeia produtiva a partir do consumidor, envolvendo produtor, indústria, comercialização... Além disso, precisamos de regras claras e consistentes que permitam planejar a oferta e a abertura de novos mercados a partir de gestões eficientes nos diferentes segmentos da cadeia láctea. É difícil falar disso sabendo que no Brasil predominam propriedades com 1.500 litros/ha/ano, enquanto na Nova Zelândia a média é de 10.500 litros/ha/ano. Mas é mais difícil ainda se considerar que, aqui neste debate, temos a presença de vários produtores com mais de 10.000/11.000 litros/ha/ano. Isso revela desigualdade de nossa capacidade em produção e gestão. Nós, brasileiros, pensamos em volume e nem sempre pensamos em valor. Entendo que o valor é fundamental para ser competitivo, enquanto o volume é fundamental para ocupar espaço e ganhar mercado.

SITUAÇÃO CAMBIAL

Joelmir Beting - Custos para cima, preços para baixo, câmbio para baixo, riscos para cima... O agronegócio está vivendo um cenário preocupante, pois começa agora também a experimentar de uma crise política que não gerou e que o próprio governo não admite que exista. É questão partidária ou de diz-que-diz, segundo o presidente da República. O certo é que a crise política ainda não afetou a atividade econômica. Até porque no câmbio os fundamentos macro estão em ordem, as políticas públicas estão blindadas nos seus fundamentos fiscais em especial. No mercado financeiro, o dólar deve fechar o ano por R\$2,52 de média; em 2004, ficou em R\$2,92. Isto significa que temos a moeda norte-americana perdendo poder de compra aqui no Brasil, na ordem de 13%. Sem contar que houve um deflator, um IGPM este ano da ordem 5%. Ou seja, não há nenhuma luz no fim do túnel cambial. Não há possibilidade de recuperação, até porque na percepção do próprio mercado financeiro, a oferta no mercado de câmbio vai continuar bem maior do que a procura.

PRINCIPAIS DIFICULDADES

Xico Graziano - O Brasil já exporta 3,5% do leite em pó comercializado no mundo. Mas o mercado é enorme, como também são os desafios. O que fazer para fortalecer nosso potencial? O primeiro passo a ser dado deve ser em direção à tributação. Por aqui, a sanha tributária envolve o leite das vaquinhas, o queijo, o leite em pó, todos os lácteos. Há uma ga-

nância por arrecadação fiscal neste país, que não se explica. O deputado Gustavo Marques, do PSDB de Minas Gerais, é relator da chamada Medida Provisória do Bem, que propõe ao governo brasileiro que haja um crédito presumido de 100% na compra do leite fluido. E que haja isenção de PIS e COFINS para os chamados queijos populares. Precisamos de movimentos que aliviem a carga tributária das cadeias produtivas, especialmente, da agropecuária. A segunda dificuldade é tecnológica. É

“Precisamos de regras claras e consistentes, que permitam planejar a oferta e a abertura de novos mercados lá fora”



Ivan Zurita

“Vamos exportar, sim. Afinal, os EUA não são competitivos, a UE deve baixar a produção, e a Oceania está no limite”

lamentável dizer, mas vou dizer mais uma vez: foi protelado o cumprimento da Instrução Normativa nº 51. Por que? Porque algumas entidades e o núcleo agrário do PT impediram que o governo fizesse, que desse o salto fundamental de qualidade que a cadeia produtiva precisa. A terceira dificuldade diz respeito a uma coisa chamada de sem-fábrica. Estou falando de gente que importa leite em pó, finge que tem fábrica de leite, fraciona o leite e vende por aí, comprometendo a produção nacional. É uma pouca vergonha, isso, mas acontece. Um dia, essas dificuldades vão ter fim, pois do contrário vai ser muito difícil pensarmos grande, pensarmos em mercado internacional.

Joelmir Beting - Alguém já falou da cunha fiscal do leite. É uma coisa realmente estrondosa. O leite é um supérfluo danado, com uma tributação de 23% no leite fluido, que chega a 41% nos derivados do leite. A 42% no iogurte com sabor de morango. A culpa é do morango, e não da vaca! Em muitos países, essa cunha fiscal é da margem de 5%. Com isso, temos uma pecuária leiteira movida a confisco para enfrentar uma pecuária leiteira do mundo. O mercado movimenta 6% do total consumido no mundo. É pouco, mas representam boa parte dos US\$45 bilhões por ano de subsídios para o leite. O que responde, no caso da vaca europeia, a 54% da renda dela. E no caso americano, a 47%. Na medida em que entendemos que só recessão controla inflação, nos deparamos com um alto custo de capital, agravado por um custo fiscal tremendo, além do nosso tumulto regulatório, inclusive para embarcar na aduana. Até porque a única alfândega de leite do mundo que trabalha oito horas por dia de segunda a sexta é a nossa. No mundo todo, as aduanas trabalham 24 horas por dia, sete dias por semana.

Ivan Zurita - Na porta da fábrica, somos 100% competitivos. Mas no porto e no aeroporto, somos 70% competitivos, pelas cargas que carregamos no caminho de impostos. Mas isso faz parte da nossa regra do jogo. Quando se fala de exportador, temos que partir do mercado, e não da produção. A regra mudou, isso faz parte do dia-a-dia. E no mercado globalizado, o Brasil tem volume. Então, é preciso ser eficiente para ser imbatível. Por que o Brasil precisa de exportações na velocidade que vem adotando? Porque não podemos atuar com regras iguais aos demais. Então, a escala brasileira nos permite realmente ser competitivos.

CENÁRIO ECONÔMICO

Joelmir Beting - Em matéria de política monetária, um dos dois deve estar completamente equivocado: o Brasil ou o mundo. Digo isso porque em qualquer lugar, ninguém mais discute o provável paradoxo entre expansão da economia e controle da carestia. Na Ásia, por exemplo, a economia cresce acima de 7%, e a inflação, em torno de 3%. A Argentina voltou a crescer acima de 7%, e a inflação, em torno de 3%. Os Estados Unidos voltaram a crescer acima de 4%, com a inflação abaixo de 2%. E o Brasil, no ano passado, atingiu 5%, com a inflação acima de 9%. Ou seja, só no Brasil, a inflação tem que ser controlada a ferro e fogo, por meio da desaceleração do consumo, da produção, do emprego, do salário e da renda. Será que isso está correto?

MERCADO INTERNO

Xico Graziano - Será que todos nós da cadeia produtiva do leite vamos achar que a

solução para os nossos problemas está com os chineses, que vão tomar não sei quantos litrinhos de leite. A mesma ilusão foi vivida pelo pessoal do café, pelos produtores de laranja. Calma lá! E o mercado interno? Eu não discordo das possibilidades de negócio e até acho que vamos aos poucos chegando lá. Mas o mercado interno também está aí. Se seguirmos a recomendação da OMS-Organização Mundial da Saúde, que sugere um consumo médio de 180 litros por habitante/ano, o Brasil vai precisar produzir mais 9 bilhões de litros de leite. Entretanto, neste ano, quando se produziu um pouco mais, sobrou, faltou consumo para esse leite. É preciso ter políticas de apoio ao mercado e incentivo ao consumo de leite. É preciso fazer marketing, publicidade... Melhor: aprender a fazer.

Joelmir Beting - Mercado interno e mercado externo não são alternativos ou excludentes, são complementares ou aditivos. Para crescer e fazer crescer o mercado interno é preciso ganhar o mundo. Para crescer lá fora é preciso levantar aqui dentro, que uma coisa re-fertiliza a outra num moto contínuo fantástico. Então, o padrão asiático como um todo é este. Não se deve ter nenhum complexo ao dizer que, antes de conquistar o mundo, é preciso atender ao Brasil. E, até para atender ao Brasil, é preciso avançar lá fora. São ações complementares.

O PAPEL DO GOVERNO

Ivan Zurita - Faz pouco tempo que estamos em negociação com o México, que tem um tremendo potencial de importação. O México importa ao redor de 200 mil toneladas de leite em pó por ano. O governo está negociando uma certificação para as indústrias brasileiras para poder operar naquele país. Não precisamos que o governo faça exportação. Precisamos, sim, que abra as portas ou nos permita ter as mesmas regras para poder atuar. É isso que queremos. O mercado exportador para mim é um mercado regulador. Tem empresas brasileiras com bons resultados, hoje, que estão exportando metade da sua produção. Isso, sim, depende do câmbio imediato, depende da política do governo. Outra coisa: estou totalmente de acordo que não é o governo que tem responsabilidade pelos acordos bilaterais de comércio. Mas é o governo que pilota. Até recentemente não podíamos negociar com os maiores países exportadores de lácteos em razão da alta taxa de imposto que devíamos pagar para entrar.

Joelmir Beting - A nossa diplomacia econômica precisa passar por uma mudança cultural. Está exigindo choque político. Ela é do gênero "bom-mocista", "terceiro-mundista". O Brasil já tem peso lá fora para negociar com voz grossa. O leite precisa abrir espaço. Não só o leite, como outros produtos do nosso grande leque. Eu não acredito que haverá uma abertura da pauta agrícola na Europa e nos Estados Unidos. Há jogo de empurra-empur-

ra combinado, pactuado. Eles não vão abrir. Até porque há casos condicionantes de caráter político no mundo. Desses de até botar barreira sanitária em cima da gente. O governo precisa mudar de postura. Está difícil quebrar o gelo do Itamaraty na projeção externa do País. Onde ele está sofrendo um desvio até ideológico, o que não é recente, é antigo. Não tem nada a ver com a ascensão do petismo no governo, é anterior a isso. E me parece que esse é o grande constrangimento.

“A União Européia trata suas vaquinhas melhor do que nós tratamos aqui as coisas de que mais gostamos, as mais queridas”



Xico Graziano

“A pecuária leiteira brasileira começou a olhar custos e produtividade. E está passando por um choque de capitalismo”

O Itamaraty não gosta de conversar aqui dentro. Ele prefere conversar lá fora, e mal. E, assim, fica difícil montar uma ação concreta. Até porque essa ação concreta não pode passar aviso prévio. É estratégica, e você não pode mostrar as cartas e as armas.

FORÇA DO CONSUMIDOR

Joelmir Beting - A partir de uma revolução de base tecnológica, que produziu uma revolução de base mercadológica, corporativa e profissional, quem controla a inflação não é

mais a política monetária; muito menos é a austeridade fiscal, que não existe em nenhum país do mundo. Quem controla inflação no mundo é um tripé: competição, como nunca antes; modernização, por causa da competição, e o consumidor. A informação de mercado pela tecnologia se deslocou de quem produz para quem compra. E hoje o cliente põe o mercado para funcionar 24 horas por dia, sete dias por semana. Esse cliente informado se tornou seletivo, exigente e infiel. Não há mais fidelidade na marca. Então, o que está acontecendo: esse cliente travou o repasse dos custos para o preço. Não é mais o custo que faz o preço; é o preço que faz o custo. E a gente tem que trabalhar na cadeia láctea em cadeia. Porque a competição não é mais de empresa com empresa. É de cadeia com cadeia e de ajuste da empresa na cadeia *versus* o ajuste da outra empresa na mesma cadeia. Ou seja, não pode mais existir um elo fraco na corrente. Então, se na cadeia láctea tiver um elo fraco, vamos ter que localizá-lo e fortalecê-lo, em benefício da cadeia inteira. Este é o processo da nova economia.

ACORDOS DE COMÉRCIO

Joelmir Beting - Temos que parar de pensar nos grandes tratados multilaterais e desenvolver a linha dos acordos bilaterais. Existem mais de 250 acordos bilaterais no comércio global e o Brasil tem apenas 13. Basta fazer o dobro ou triplo disso com qualquer país que topa fazer. Inclusive, com os Estados Unidos e com a União Européia, pois se o Brasil esperar por Argentina, Paraguai e Uruguai para fazer um acordo com a União Européia, via Mercosul, não vai conseguir nada. Podemos avançar, desde que a diplomacia econômica se mostre forte, musculosa. Do contrário, o mercado lá fora não vai se abrir para a gente, até porque eles têm medo do Brasil 2030.

QUALIDADE DO LEITE

Xico Graziano - Se não fizermos direito o trabalho na qualidade sanitária, não entraremos no mercado internacional. E há que se fazer mais o que as empresas, as cooperativas fizeram, e o governo, por meio do Pronaf financiou: grupos de pequenos produtores se associaram para adquirir resfriadores de leite, ou seja, para entrar no jogo da qualidade de leite. Pessoalmente, nunca encontrei um produtor que estivesse insatisfeito com a modificação tecnológica que fez. Todos sempre entendem que saem ganhando. A causa social da defesa dos pequenos não pode impedir a causa da qualidade do leite. Nas frutas, no leite, na carne, em qualquer produto, a certificação da origem é fundamental. O problema não é o pequeno. O problema é que a capacidade comercial do País é que está em jogo. ■